

Da ordem das palavras nas línguas antigas  
comparadas às línguas modernas



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

ALVARO PENTEADO CRÓSTA



Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ESDRAS RODRIGUES SILVA – GUITA GRIN DEBERT

JOÃO LUIZ DE CARVALHO PINTO E SILVA – LUIZ CARLOS DIAS

LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO

RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

*Henri Weil*

Da ordem das palavras nas  
línguas antigas comparadas  
às línguas modernas

QUESTÃO DE GRAMÁTICA GERAL

*Tradução*

Sheila Elias de Oliveira

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

---

W429d Weil, Henri, 1818-1909.  
*Da ordem das palavras nas línguas antigas comparadas às línguas modernas: Questão de gramática geral* / Henri Weil. – tradutora: Sheila Elias de Oliveira. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

1. Línguas modernas – Ordem das palavras. 2. Línguas clássicas – Ordem das palavras. 3. Línguas modernas – Sintaxe. 4. Línguas clássicas – Sintaxe. 5. Gramática comparada e geral – Sintaxe. Oliveira, Sheila Elias de. II. Título.

ISBN 978-85-268-1227-7

CDD 415

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Línguas modernas – Ordem das palavras	415
2. Línguas clássicas – Ordem das palavras	415
3. Línguas modernas – Sintaxe	415
4. Línguas clássicas – Sintaxe	415
5. Gramática comparada e geral – Sintaxe	415

Título original: *De l'ordre des mots dans les langues anciennes comparées aux langues modernes: Question de grammaire générale*

Copyright © 2015 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.  
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp  
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp  
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil  
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728  
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

*Em memória dos senhores Guigniaut, Le Clerc,  
Patin, Saint-Marc Girardin e outros juízes desta  
antiga tese de doutorado.*



# Sumário

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA .....	9
PREFÁCIO.....	13
INTRODUÇÃO .....	15
CAPÍTULO I — <i>Do princípio da ordem das</i>	
<i>palavras</i> .....	25
A marcha sintática não é a marcha das ideias.....	25
Ensaio de um método para dar conta da marcha das ideias.....	33
Aplicações das observações gerais.....	36
Das modificações que o gênio particular de uma língua pode levar ao princípio da ordem das palavras.....	41
Da ordem patética .....	52
CAPÍTULO II — <i>Da relação entre a ordem das palavras e a forma</i>	
<i>sintática da proposição</i> .....	59
Classificação das línguas a partir da relação de construção.....	59
Do lugar do verbo.....	65
Da construção descendente e da construção ascendente.....	68

Qual é a construção mais perfeita?.....	78
Construções nas línguas livres.....	81
Do período.....	86

CAPÍTULO III — *Da relação entre a ordem das palavras  
e o acento oratório*.....

Da acentuação ascendente.....	96
Da acentuação descendente.....	103
Das pausas de acento.....	112
Uma palavra sobre o número oratório.....	122
Da falsa acentuação.....	123

## *Prefácio à edição brasileira*

*Da ordem das palavras nas línguas antigas comparadas às línguas modernas: Questão de gramática geral* é uma tese de doutorado defendida em Paris pelo jovem emigrante judeu alemão Henri Weil (1818-1909). Sua primeira edição é do mesmo ano da defesa, 1844; duas outras a sucederam durante a vida do autor: a segunda, de 1869, e a terceira, de 1879. A tradução brasileira que a Editora da Unicamp traz a público toma como base a terceira edição.

*Da ordem das palavras* integra um momento em que a Linguística começa a se constituir como ciência. Weil traz de sua formação na Alemanha a Filologia e o Comparatismo, que neste texto são apropriados de modo particular: a Filologia ressoa na inscrição da ordem das palavras como questão de interpretação dos autores antigos ao lado dos modernos, e na consideração não só das relações frásticas, mas também das relações textuais; o Comparatismo ressoa na copiosa exemplificação que serve de base à tese, e que inclui o grego antigo e o moderno, o latim, o chinês, o turco, o alemão, o francês. Junta-se a essas filiações a paixão pela Antiguidade grega, que ressoa não apenas em questões filológicas, mas também em questões oratórias, de que o autor se ocupará no último capítulo, e por meio das quais colocará em relação oralidade e escrita.

Essas filiações servem neste texto à formulação de uma tese inovadora sobre a “gramática geral” das línguas, como indica o

subtítulo da obra: a de que “a marcha sintática não é a marcha das ideias” (p. 25); ou seja, a ordem dos lugares de sujeito, predicado, complementos etc. que compõem a frase não corresponde a uma lógica natural e única que presidiria, no pensamento, a sintaxe das línguas, e que corresponderia à forma das línguas ditas analíticas. Se a sintaxe não corresponde às ideias, por outro lado, “a ordem das palavras deve reproduzir a ordem das ideias, essas duas ordens deverão ser idênticas” (p. 25). Weil desvincula a ordem das palavras da sintaxe ao passo que coloca em questão a concepção dominante das *ideias*, do *pensamento* como organizador de uma lógica universal que seria reproduzida na sintaxe das línguas.

Na apresentação à reimpressão francesa da terceira edição (1991), Simone Delesalle<sup>1</sup> contextualiza *Da ordem das palavras* no pensamento linguístico europeu (sobretudo franco-alemão) do seu tempo, e destaca alguns elementos da sua novidade: a) a ordem de pensamento (de ideias) que está em jogo, uma ordem do “homem-em-discurso”, que afasta Weil do “espiritualismo” dominante na França; b) a separação de pensamento e sintaxe; c) a proposta de uma nova tipologia de línguas (não mais fundada na distinção entre línguas análogas e transpositivas, ou analíticas e sintéticas) e que leva em conta “o domínio da enunciação e a determinação das leis do discurso”; d) a própria introdução da consideração desse domínio; e) a capacidade heurística de pôr em relação o universal e o particular.

Podemos destacar aqui ainda outra característica dessa obra, que a distingue de grande parte dos trabalhos do seu tempo: a importância que atribui ao sentido, e que se coloca justamente a partir da consideração da relação entre a organização dos textos e a organização das línguas (das frases), pela via da enunciação. Traremos, para pontuar essa questão, elementos do terceiro capítulo: “Da relação entre a ordem das palavras e o acento oratório”.

<sup>1</sup> Simone Delesalle, “Histoire d’une thèse”, em Henri Weil, *De l’ordre des mots dans les langues anciennes comparées aux langues modernes: Question de grammaire générale*. Paris, Didier, 1991 [1879].

O acento oratório, segundo Weil, se distingue do acento que se dá sobre as sílabas de uma palavra; ele concerne ao fato de que

há em cada proposição uma palavra, e em cada período uma proposição parcial, sobre a qual a alma e a voz se reduzem com mais energia. Essa acentuação é o princípio vivificante da fala, os outros detalhes da pronúncia não são, por assim dizer, senão sua parte material. É preciso essa marca pessoal, esse sopro de vida, esse não sei quê, para dar alma às vibrações do ar que atingem nossas orelhas. (p. 92)

Como “princípio vivificante da fala”, o acento oratório é também causa determinante da ordem das palavras, junto ao nascimento e à ligação natural das ideias. Essa “alma” dada “às vibrações do ar que atingem nossas orelhas” constitui o próprio sentido das frases, e “é o sentido que decide”:

É verdade que a mesma frase pode ser dita de diferentes modos, apoiando-se ora em certas palavras, ora em outras: *é o sentido que decide* e a ordem das palavras não poderia ser um guia certo. No entanto, os antigos tendiam a dispor as palavras de modo que os acentos pedidos pelo sentido estivessem em harmonia com a disposição das palavras e resultassem dela, por assim dizer, espontaneamente: a mudança dos acentos acarreta habitualmente uma mudança na ordem das palavras; a ordem das palavras, por sua vez, pode muito frequentemente nos indicar a acentuação que o autor tinha no espírito: há correspondência mútua entre essas duas coisas. A grande perfeição dos oradores antigos consiste em parte na arte com a qual eles sabiam manejar o material da fala para fazer sair como se dela mesma a expressão, o acento. Mas, ainda que os oradores tenham dado a essa arte o maior desenvolvimento, ela se encontra mais ou menos em todos os autores, em toda língua: ela está no gênio dos antigos. (p. 110, grifo meu)

O sentido coloca em relação íntima a “acentuação que o autor tinha no espírito” e o “gênio” que se encontra em toda língua. Eis a relação entre o particular e o geral apontada por Delesalle. E eis

a prefiguração de uma questão que, segundo essa autora, vai substituir, na segunda metade do século XIX, a oposição ordem/formas: a oposição forma/sentido.

*Da ordem das palavras* é o único texto de Henri Weil que se dedica a questões de linguística geral; é como helenista que ele construirá sua carreira na França<sup>2</sup>. Georges Perrot, que junto a ele e a Michel Bréal, dentre outros, fundou, em 1867, a *Association pour l'encouragement des études grecques en France*, ressalta, em notícia que sucede o falecimento de Weil<sup>3</sup>, seu modo vivo e apaixonado de tratar a literatura grega: “Para Weil, a literatura grega permaneceu sempre uma mestra de que nós temos ainda que tomar lições, uma mestra do pensamento livre e claro, da emoção ingênua e franca” (Perrot, 1910, p. 760). Em *Da ordem das palavras*, vemos a liberdade do pensamento de Weil na novidade do que propõe, e sua clareza no modo como o sustenta. A vivacidade e a paixão parecem aí se estender à língua e à linguagem, sobre as quais Weil nos oferece, neste texto, algumas lições.

Campinas, dezembro de 2014.  
Sheila Elias de Oliveira

<sup>2</sup> Foi lançado recentemente, na França, um livro que reúne análises da poesia grega feitas por Henri Weil: Laurent Calvié, *Henri Weil. L'art de lire. Etudes sur l'ancienne poésie grecque*. Toulouse, Anacharsis, 2014.

<sup>3</sup> Georges Perrot, “Notice sur la vie et les travaux de Henri Weil”, *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et de Belles-Lettres*, 54<sup>e</sup> année, n. 8, 1910, pp. 708-762. Disponível em: <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/crai\\_0065-0536\\_1910\\_num\\_54\\_8\\_72722](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/crai_0065-0536_1910_num_54_8_72722)>.

## Prefácio\*

Desde a segunda edição deste trabalho, o Sr. Abel Bergaigne começou o estudo “sobre a construção gramatical considerada em seu desenvolvimento histórico, em sânscrito, em grego, em latim, nas línguas românicas e nas línguas germânicas”<sup>1</sup>. O Sr. Bergaigne tenta, com igual volume de ciência e de sagacidade, determinar o uso primitivo, em fatos de construção gramatical, dos idiomas que são o objeto de suas pesquisas e, voltando ainda mais no tempo, encontrar por conjectura o arranjo das partes constitutivas da proposição na língua-mãe da família indo-europeia.

---

\* A tradutora trouxe para o português os exemplos apresentados pelo autor no francês do seu tempo. Sempre que a tradução ou o comentário é da tradutora, está entre colchetes [ ]. Nesses casos, buscou-se, tanto quanto possível, já que a questão da ordem das palavras está em primeiro plano nos exemplos, manter a ordem da sintagmatização francesa, ainda que esta possa nem sempre ser aquela percebida como a mais natural no português. A tradução de elementos gregos e latinos manteve a inserção entre colchetes. Por outro lado, privilegiou a legibilidade em detrimento da manutenção da ordem, por se tratar de línguas com maiores diferenças morfossintáticas em relação ao português. Agradeço a André Campos Mesquita pela inserção dos inúmeros exemplos e citações em grego e a José Leonardo Sousa Buzelli pela tradução das citações em grego e latim. (N. do T.)

<sup>1</sup> *Mémoires de la Société de Linguistique de Paris*, t. III, pp. 1 e ss., 124 e ss., 169 e ss.

De outro lado, o Sr. M. G. von der Gabelentz publicou alguns artigos *sobre a sintaxe comparada*<sup>2</sup>. Dentre os fatos que esse linguista reuniu, assinalo como particularmente interessante o que diz respeito ao papel da partícula *fa* na língua japonesa. Quanto às visões gerais, ao princípio da ordem das palavras, ele não diz nada que eu não tenha exposto 25 anos antes dele. Nem um nem outro desses trabalhos conseguiram me fazer querer modificar o meu. O do Sr. Von der Gabelentz não acrescenta nada de essencial; o do Sr. Bergaigne se situa em um ponto de vista bem diferente.

Salvo alguns retoques leves de estilo, esta terceira edição reproduz exatamente a segunda (1869), a qual, por sua vez, não diferia da primeira (1844) senão por um pequeno número de modificações e de acréscimos. Teria sido fácil para mim estender esta pequena obra; mas sua concisão talvez tenha contribuído para a boa acolhida que ela teve. Abstenho-me, então, de sobrecarregá-la com mais matéria. Queira Deus que, no interesse dos que leem, os que escrevem tomem por divisa o velho ditado: Μέγα βιβλίον μέγα κακόν [Grande livro, grande mal].

Paris, junho de 1879.

---

<sup>2</sup> “Ideen zu einer vergleichenden Syntax”, em *Zeitschrift für Völkerpsychologie*, t. VI, pp. 376 e ss.; t. VIII, pp. 129 e ss., 300 e ss.

## Introdução

Propusemo-nos a tratar neste ensaio da ordem segundo a qual podem se suceder as palavras ou os grupos de palavras que servem à formação da frase. As palavras são os signos das ideias: tratar da ordem das palavras é, então, de algum modo, tratar da ordem das ideias: desse ponto de vista, nosso tema pode ganhar alguma importância. Os gramáticos se ocuparam muito das palavras consideradas isoladamente; estudaram o seu encadeamento sintático; mas a maior parte não deu grande atenção à ordem na qual as palavras podem se suceder. No entanto, o estudo dessa sucessão pareceria ser uma parte bem considerável da gramática: porque a gramática tem por objeto explicar como o pensamento se traduz pela fala; o pensamento está em um movimento perpétuo; não seria razoável, então, negligenciar a marcha da fala.

Antes de entrar em nosso tema, vamos dar uma olhada rápida no que disseram sobre ele os antigos e os modernos. Dentre os antigos, Dionísio de Halicarnasso consagrou um tratado particular à σύνθεσις ὀνομάτων [composição das palavras]; Cícero, no *Orator* e em seus outros escritos de retórica, e Quintiliano, nas suas *Institutiones oratoria*, tratam longamente da *compositio verborum* [composição das palavras]. Todos os três concordam em reconhecer a importância desse tema; Dionísio, sobretudo, chega

a propor que a própria escolha dos termos não tem uma consequência tão grande quanto a ordem na qual são dispostos. O que decide essa ordem seria, segundo os retores antigos, o concurso mais ou menos harmonioso das letras colocadas no fim e no começo das palavras que se seguem (*conglutinatio verborum* [união das palavras]), o movimento rítmico produzido pela sucessão de sílabas longas e breves (*numerus*), motivos, enfim, tirados da eufonia e que somente a orelha pode julgar.

Se isso fosse verdade, se com efeito a ordem das palavras dissesse respeito inteiramente ou quase inteiramente à orelha (e as autoridades mais respeitáveis o afirmam), teríamos feito melhor, sem dúvida, em excluir dessas pesquisas o grego e o latim. Não conhecemos mais a pronúncia exata dessas línguas, nós a reproduzimos muito menos do que a conhecemos; além disso, a eufonia varia com os órgãos e os hábitos dos povos. Há para a orelha francesa outras conveniências em relação à orelha inglesa ou alemã; com toda a razão, um grupo de palavras tido como harmonioso em nossos dias poderia bem não tê-lo sido para Cícero ou Péricles. Estamos, então, tão mal situados quanto possível para julgar a eufonia de uma frase grega ou latina. E, no entanto, não poderíamos negar, qualquer um que seja um pouco versado nas línguas antigas sente o charme particular que resulta do arranjo da frase nos prosadores clássicos, e ainda por cima tenta imitá-los e tem a pretensão de escrever mais ou menos bem a língua de Cícero ou a de Demóstenes. De duas coisas, uma: ou há uma cegueira extraordinária dos escritores modernos, ou os mestres antigos da arte oratória não pesquisaram ou deslindaram todas as causas dessa disposição, da qual eles tinham o sentimento mais íntimo. Pode-se imaginar que aquele que se empreende em determinar os princípios dessa disposição deva tender para a última opinião. Há a audácia, sem dúvida, de pretender julgar melhor do que Dionísio e Cícero o grego e o latim; mas nem tanto quanto se poderia acreditar à primeira vista. Acontece todos os dias que os homens que possuem mais perfeitamente certa arte, que têm dela o sentimento mais vivo e mais justo, exponham os procedimentos dessa

arte de uma maneira menos satisfatória que os que procuram se tornar seus mestres pelo estudo; aqueles a julgam pelo tato, isto é, de uma maneira certa quanto à prática, confusa quanto à teoria; estes a julgam pelo entendimento, que pode ser insuficiente na prática, mas que é excelente na teoria. Não nos damos ao trabalho de aprofundar pelo raciocínio as coisas das quais estamos muito impregnados para não nos enganarmos a seu respeito; mas estudamos a fundo as coisas que não podemos apreender senão pelo estudo. Eis a minha desculpa, se ousar sustentar que os antigos nem sempre aprofundaram o suficiente as leis secretas de uma arte que aplicavam como mestres. Tentemos provar por um exemplo o que acabamos de sustentar.

Cícero, no capítulo 54 do *Orator*, cita a passagem seguinte, tirada de um discurso do tribuno C. Carbão:

*O Marce Druse, patrem appello: tu dicere solebas sacram esse rem publicam; quicumque eam violavissent, ab omnibus esse ei poenas persolutas. Patris dictum sapiens temeritas filii comprobavit* [Oh, Marco Druso, apelo ao pai: você costumava dizer ser sagrada a república; que todos os que a dessacralizaram pagaram a penalidade. O dito sábio do pai, a temeridade do filho comprovou].

E ele acrescenta:

A queda dessa frase, terminada por um dicoreu, valeu ao orador aplausos surpreendentes. Pergunto se não foi o número oratório a causa. Modifique a ordem das palavras; diga, por exemplo: *comprobavit filii temeritas* [a temeridade do filho comprovou] – ela não terá mais efeito. No entanto, as palavras são as mesmas, o sentido é o mesmo. É que o espírito fica satisfeito, mas as orelhas não.

Cícero observou em outra parte (cap. 59) que o que se chama de *numeroso* na prosa não se faz sempre pelo número propriamente dito; podemos nos servir dessa observação contra seu próprio autor. Primeiro, é certo que a ordem das palavras *comprobavit filii*

*temeritas* [a temeridade do filho comprovou] não choca de modo algum a orelha. Assim modificada, a frase termina por um peão, ritmo que Cícero recomenda em outro lugar, e que Aristóteles e outros colocam no primeiro nível. Também estamos totalmente convencidos de que não é o peão ou o dicoreu que tornam lânguido esse torneio ou magnífico aquele outro. Não é o ritmo das sílabas, é a sucessão de ideias a causa desse efeito. Colocando, como Carbão fez, o verbo no fim, a frase se arredonda, e os termos opostos *sapiens* [sábio] e *temeritas* [temeridade] se chocam um contra o outro. A sabedoria do pai, a temeridade do filho, qual a relação entre esses termos opostos? Eles se combateram, se destruíram? Não, *comprobavit* [comprovou], um foi a prova e a confirmação do outro. Não negaremos, no entanto, que o julgamento da orelha entra para muitos no arranjo da frase; mas acreditamos que esse julgamento da orelha esconde frequentemente um julgamento de espírito.

A ordem das palavras, submetida, desse modo, à competência da orelha, escapava à gramática propriamente dita. Entretanto, vemos na própria antiguidade o espírito sistemático dos gramáticos se deter, embora ainda fracamente, nessa parte tão importante da linguagem. Nós vemos alguns deles, a despeito do uso, se aplicarem a estabelecer leis que lhes haviam parecido as únicas lógicas e naturais. Dionísio de Halicarnasso se atribui a invenção de um sistema artificial que, entretanto, poderia bem ser emprestado de um gramático mais antigo. Segundo esse sistema<sup>1</sup>, os

<sup>1</sup> *De Comp. verb.*, c. 5: Τὰ ὀνόματα τάττειν πρὸ τῶν ῥημάτων [As palavras pondo antes do verbo]. É inexacto traduzir, como foi feito, *colocar o sujeito antes do verbo*. Na verdade, Aristóteles (*de Interpretatione*, c. 2) se serve do termo ὄνομα [palavras/nomes] para designar o nominativo apenas, e distingue dele os casos oblíquos, que chama de πτώσεις ὀνόματος [casos da palavra]; mas Dionísio prova por seus exemplos (μῆνιν ἄειδε [cante a ira]) que não faz essa distinção. Teria ele compreendido mal a doutrina do filósofo do qual emprestava as ideias? Uma passagem análoga de Prisciano nos faz suspeitar. Esse gramático diz nas *Instit. Gram.*, XVII, § 105 (p. 1.082 P.): *Sciendum tamen quod recta ordinatio exigit, ut pronomen vel nomen praeponatur verbo, ut "ego et tu legimus, Virgilius et Cicerus scripserunt", quippe cum substantia et persona ipsius agentis vel patientis, quae per pronomen vel nomen*

substantivos, exprimindo a substância, deveriam preceder os verbos, que só exprimem o acidente; os verbos, por sua vez, deveriam ser colocados antes dos advérbios, posto que, diz ele, a ação é anterior em sua natureza às circunstâncias de modo, de lugar, de tempo etc.; os adjetivos deveriam seguir os substantivos; o indicativo deveria preceder os outros modos etc. Mas o retor grego se apressa em acrescentar que essa doutrina, ainda que especiosa, é refutada pela experiência, que não se deve dar a ela nenhuma importância, que ela não tem nenhum valor positivo. Quintiliano (IX, iv, 24) faz menção ao mesmo sistema, mas o rejeita igualmente como muito pesquisado e contrário à experiência. Ainda assim, os gramáticos não se despojaram dessas ideias. O autor do tratado *de Elocutione* recomenda a ordem das palavras que ele chama de natural (σύνθεσις ὀνομάτων [composição das palavras]), e não fala mais de substantivos e de verbos, mas tem em vista, suas expressões dão fé, o que se chama hoje de sujeito<sup>2</sup> e de atributo.

Esse retor se serve de expressões exageradas para estabelecer uma teoria que ele mesmo não praticou no tratado que a encerra. Ele pensa que toda proposição que não começa pelo seu sujeito

---

*significatur, prior esse debet naturaliter quam ipse actus, qui accidens est substantiae. Licet tamen et praepostere ea proferre auctorum usurpatione fretum* [Deve-se notar, porém, que a ordem direta exige que o pronome ou o substantivo deve ser preposto ao verbo – “eu e você lemos, Virgílio e Cícero escreveram” –, com a natureza, a substância e a pessoa do próprio agente ou do paciente (significado pelo pronome ou pelo substantivo) devendo obviamente existir antes do ato, pois a ação pertence à substância. Ainda assim, é permissível adiantar (os verbos) na ordem reversa, confiando no uso dos autores]. Aproximando desse texto os termos dos quais se serve Dionísio: Τὰ μὲν γὰρ (ὀνόματα) τὴν οὐσίαν δηλοῦν, τὰ δὲ (ρήματα) τὸ συμβεβηκός · προτέραν δ' εἶναι τῇ φύσει τὴν οὐσίαν τῶν συμβεβηκότων [Pois aqueles (os substantivos) indicam a substância e estes (os verbos) os acidentes, e pela natureza das coisas a substância precede seus acidentes], diríamos que os dois autores se valeram da mesma fonte.

<sup>2</sup> Demétrio, *de Elocutione*, §§ 199 e ss. (Walz, *Rhetores graeci*, t. IX, p. 564): Τὸ περὶ οὗ, ο objeto de que se trata. Grego, “Ἦτοι ἀπὸ τῆς ὀρθῆς ἀρτέων, “Ἐπίδαμνος ἐστὶ πόλις”, ἢ ἀπὸ τῆς αἰτιατικῆς ὡς “τὸ λέγεται Ἐπίδαμνον τὴν πόλιν” [Verdadeiramente, deve-se começar pelo nominativo, “Epidamno é uma cidade”, ou pelo causal, como “a dita cidade de Epidamno”].

carece de clareza e tortura (βάσανον παρέχει [provoca tortura]) àquele que fala e àquele que escuta. Hermógenes parece aplicar ao período o mesmo princípio analítico, quando fala de uma ordem direta (ὀρθότης [caso reto]) e de uma ordem indireta (πλαγιασμός [caso oblíquo])<sup>3</sup>.

Essas teorias, que, como se vê, são as dos gramáticos modernos<sup>4</sup>, parecem não ter recebido um grande desenvolvimento nos antigos. Um fato, no entanto, nunca pode escapar à atenção daqueles que refletiram sobre a linguagem: acontece com muita frequência em grego e em latim que se separem as palavras que evidentemente formam em conjunto um grupo sintático. Esse acidente de linguagem deve ter sido observado tão logo se tenha constatado a existência da língua dos gêneros, dos números, dos casos e das terminações que servem para exprimir essas relações. Com efeito, o termo técnico *hipérbato* se lê já em Platão, com o mesmo sentido que se ligou a ele desde então<sup>5</sup>. Os antigos sofistas, não se poderia duvidar, foram os primeiros a fazer essa observação gramatical, e Platão emprestava esse termo a seus adversários<sup>6</sup>.

Sabe-se bem que os modernos erigiram em regra geral a teoria rejeitada por Dionísio e Quintiliano. As necessidades do ensino, o gênio de nossas línguas, talvez também a tendência analítica de nosso espírito fizeram a fortuna dessa teoria. Os primeiros que avançaram um pouco mais na questão da ordem das palavras não são, como se deveria ter suposto, os estudiosos autores de gramáticas gregas e latinas, mas os que trataram de nossas línguas modernas. Esse fato não é sem importância. Ele parece provar que a

<sup>3</sup> *De formis orationis*, I, 3. Voltaremos mais adiante a essa passagem.

<sup>4</sup> Quanto aos gramáticos da Idade Média, ver Thurot, *Extraits de divers manuscrits latins pour servir à l'histoire des doctrines grammaticales du moyen âge*, pp. 341 e ss. Devemos à amizade do autor essa indicação, assim como outras observações que nos foram úteis.

<sup>5</sup> *Protagoras*, p. 343, E.

<sup>6</sup> É ao hipérbato que se referem as explicações dos antigos escoliastas, que começam por essas fórmulas consagradas: *Ordo est* [há ordem/a ordem é], τὸ ἔξις [a ordenação] – esses intérpretes não fazem senão aproximar os elementos do mesmo grupo gramatical. Nossas construções gramaticais estão longe disso.